

# AS PAIXÕES ALEGRES COMO CAMINHO PARA UMA AFETIVIDADE ATIVA

FLAVIO LUIZ DE CASTRO FREITAS \*

ZILMARA DE JESUS VIANA DE CARVALHO \*\*

ISNARA FRAZÃO \*\*\*

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.52521/CONATUS.V17I28.16001](https://doi.org/10.52521/CONATUS.V17I28.16001)

## 1 INTRODUÇÃO

A filosofia de Espinosa constituiu uma das mais originais concepções de afetividade na história do pensamento. Espinosa não reduz os afetos a meros estados psicológicos, mas os insere em uma dinâmica imanente à própria estrutura do ser, onde o afeto exprime, de modo singular, a variação da potência de existir de um modo finito. Portanto, a investigação filosófica acerca das paixões exige uma abordagem que alie ontologia e teoria do conhecimento, pois as paixões, na tradição inaugurada por Espinosa, não se limitam a um domínio psicológico ou subjetivo, mas dizem respeito à forma como os indivíduos são afetados no seio da realidade.

Na ontologia Espinosana, tudo o que existe é expressão da substância única, Deus ou Natureza (*Deus sive Natura*), cuja imanência implica que os modos finitos não existem separadamente, mas como determinações da potência divina. Nesse sentido, os corpos e as mentes são afetados continuamente por outros corpos e ideias, e é nesse entrelaçamento que se constituem as afecções e os afetos. As paixões, como afetos dos quais o indivíduo não é causa adequada, resultam de ideias confusas e revelam a passividade do ser humano diante de sua própria condição ontológica.

Nesse contexto, as paixões alegres ocupam um lugar conceitualmente ambíguo, pois, embora derivem de causas externas e,

portanto, impliquem passividade, são também capazes de aumentar a potência de agir do indivíduo. Essa ambivalência suscita uma indagação fundamental: em que medida essas paixões, ainda que passivas, podem contribuir para a formação de uma afetividade ativa?

É precisamente a partir dessa problemática que este trabalho se desenvolve, guiado pela leitura de Gilles Deleuze, cuja interpretação da filosofia espinosana acentua a positividade das paixões alegres sem que isso implique uma oposição à razão. Para tal empreendimento, adota-se o método de análise textual, com ênfase na obra central do pensador holandês, *Ética* demonstrada segundo a ordem geométrica, em articulação com as obras *Espinosa: Filosofia Prática* (1972) e *Espinosa e o Problema da Expressão* (1968) de Gilles Deleuze, que iluminam a atualidade e a força conceitual da filosofia espinosana.

O percurso argumentativo que propomos tem início com a elucidação do conceito de paixão, tal como formulado no livro III da *Ética*, destacando sua origem em ideias inadequadas e a condição passiva do corpo diante da ação de causas exteriores. Em seguida, o problema das paixões alegres será situado no âmbito da gnosiologia espinosana, evidenciando a intrincada relação entre teoria do conhecimento e modulação dos afetos. Por fim, destacaremos como as paixões alegres, ainda que passivas, detêm uma potencialidade afirmativa, sendo capazes de inaugurar trajetórias de transformação subjetiva que culminam em uma afetividade ativa, não mais determinada por forças externas, mas constituída a partir de encontros e composições que elevam a potência de existir e de pensar. Desse modo, as paixões estão longe de serem obstáculos à razão, na verdade existem paixões, as alegrias passivas, que podem condicionar caminhos

\* Doutor em Filosofia, professor do Departamento de Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (mestrado e doutorado) da UFMA.

\*\* Doutora em Filosofia, professora do Departamento de Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (mestrado e doutorado) da UFMA.

\*\*\* Graduada em Filosofia e mestranda em Cultura e Sociedade pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA.

potentes para uma afetividade ativa. Contudo, buscaremos examinar o problema das paixões alegres em Espinosa com base na leitura deleuziana enfatizando a possibilidade de passagem da passividade à atividade por meio do fortalecimento da potência de agir através de alegrias passivas.

## 2 CONCEITO DE PAIXÃO NO LIVRO III DA ÉTICA

Tratar acerca das paixões requer um estudo ontológico e gnosiológico visto que, a paixão pressupõe uma condição ontológica afetiva<sup>1</sup> e uma inadequação<sup>2</sup> do ponto de vista gnosiológico. Espinosa pensa a totalidade ontológica a partir da imanência, ela é o nexo entre a causa e o efeito. Deus é imanente ao mundo, é causa eficiente que produz e se diferencia dos seus efeitos sem se separar deles, assim tudo é em Deus. “Todo caminho da *Ética* se faz na imanência” (Deleuze, 2002, p. 35). Os modos expressam de forma definida e determinada a potência de Deus, por meio da qual ele existe e age (E1P6D). Assim, os modos finitos participam em graus diversos dessa ontologia total, através da sua essência que consiste em um grau de potência, dessa forma, as coisas particulares produzem efeitos

1 Na base ontológica Espinosana, Deus é causa primeira e eficiente de todas as coisas; e se expressa a partir de seus modos, sejam eles modos infinitos imediatos ou mediatos e modos finitos. O conjunto infinito de corpos e ideias consiste no modo infinito mediato de Deus. Os diferentes modos explicam a produção das coisas singulares, estas têm sua essência e existência determinadas por Deus, além disso uma coisa singular passa a existir pela determinação de outra, pois todas as coisas finitas são determinadas a existir e operar por outra coisa finita e determinada (E1P28). Dado esta condição ontológica enquanto ser existente e finito as coisas singulares estão necessariamente passivas a sofrer ação de outros corpos externos a ela. Contudo, a partir do momento em que um modo finito passa a existência então ele é necessariamente determinado pelo conjunto infinito de corpos e ideias, isto é a sua potência varia de acordo com as afecções que sofre.

2 Considerando nossa condição ontológica podemos compreender facilmente o fato de que os modos finitos têm uma perspectiva parcial acerca das coisas pois compreendem, em sua perspectiva particular, a partir da forma como são afetados. Portanto, quanto mais são capazes de experimentar afetos, sua capacidade de compreensão da realidade de modo menos fragmentado aumenta simultaneamente. Entretanto as coisas particulares padecem justamente devido ao fato de que elas consistem apenas em uma parte da natureza, são finitas, assim não podem ser explicadas a partir de si mesmas. Dado essa condição o homem está sempre, necessariamente submetido a paixões (E4P5c).

imanentes proporcionais ao seu grau de potência.

Os modos finitos são determinados de duas formas: pela sua essência, pois expressa um grau de potência da substância; e pelo entrelace necessário com os outros modos finitos. Entretanto, à medida que consideramos apenas a própria coisa e não as causas exteriores, não poderemos encontrar nela nada que possa destruí-la, assim, nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior, pois a definição de uma coisa qualquer afirma a sua essência; ela não a nega. Ou seja, ela põe a sua essência; ela não a retira (E3P4). Dado ao encontro necessário com outros corpos e ideias, a potência das coisas singulares se configura como *conatus*, ou seja, como esforço que explica nossa perseverança na existência.

Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser. Demonstração. Com efeito, as coisas singulares são modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada (pelo corol. da prop. 25 da P. 1), isto é (pela prop. 34 da P. 1), são coisas que exprimem de uma maneira definida e determinada a potência de Deus, por meio da qual ele existe e age. E nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência (pela prop. 4); pelo contrário, ela se opõe a tudo que possa retirar a sua existência (pela prop. prec.). E esforça-se, assim, tanto quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser. C. Q. D. (Spinoza, 2013, p. 173-175).

Dessa forma, buscamos preservar nossa essência, que é constantemente atualizada pelo encontro necessário com outros modos finitos. Essa rede afetiva que conecta todas as coisas singulares, expressam diversos graus de potências, formam um único plano de imanência. Assim, a afetividade se apresenta como uma condição ontológica do ser humano, visto que estamos em conexão necessária com outros modos finitos, à medida que afetamos e somos afetados por outros que determinam nossa existência.

Nesse sentido, os efeitos dos outros corpos sobre o nosso, chamamos de afecções, estas são efeitos dos corpos em suas relações, são aquilo que um corpo imprime sobre o outro, em um encontro, essa imagem envolve não só o estado em que o corpo afetado se encontrava, mas também o estado daquele que afetou, o corpo

afetado em sua ideia acerca do objeto que lhe afetou, considera somente a modificação que o outro corpo lhe causou e não a sua natureza. Desse modo, é também, impossibilitado de conhecer seu corpo adequadamente, pois tem apenas uma ideia parcial, estando passivo nesta relação, assim, nós só sofremos as paixões à medida que imaginamos.

Sobre o conceito de imagem, Espinosa afirma: chamaremos de imagens das coisas as afecções do corpo humano, cujas ideias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas. E quando a mente considera os corpos dessa maneira, diremos que ela os imagina (E2P17s). As imagens são produzidas pelos encontros entre os corpos, são a marca de um corpo sobre o outro, assim elas representam os corpos exteriores como presentes à nós. É somente através das ideias das afecções de seu próprio corpo, que a mente pode perceber os corpos exteriores, dizemos que a mente humana imagina quando ela considera os corpos externos através das ideias das afecções de seu próprio corpo (E2P26). Entretanto, essas imagens estão sempre ligadas ao nosso primeiro gênero de conhecimento, imaginativo no qual só temos ideias confusas e parciais, que envolvem a natureza dos corpos, mas não as explicam. As imagens derivam do embate entre os corpos, e mantém a imagem acerca desse corpo, considerando o objeto externo a partir da sua relação com ele. Contudo, as afecções do nosso corpo fazem com que a nossa capacidade de existir no mundo varie, esta variação chamamos de afeto. Espinosa define os afetos da seguinte forma:

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão (Spinoza, 2013, p. 163).

Nessa perspectiva, as afecções consistem nos efeitos dos outros corpos sobre o nosso e quando essas afecções, fazem a nossa potência de existir variar, chamamos essa atualização em nosso corpo de afeto. E ainda, quando nossas afecções só dependem de nós, temos uma ação,

um afeto ativo, e quando somos causa apenas parcial, nós temos uma paixão, um afeto passivo. Portanto, os afetos podem ser ativos ou passivos, quando somos causa adequada dos nossos efeitos, dizemos que o corpo age, é ativo e tem afetos ações, já quando é causa parcial dos seus efeitos, dizemos que o corpo padece, é passivo e tem afetos paixões. Dessa forma, a nossa potência é efetivada através dos afetos que podem favorecer ou desfavorecer a nossa potência.

Além disso, quando a potência de agir, de existir é aumentada temos o afeto de alegria, que vai de encontro com o esforço de perseverar na existência, quando nosso desejo é constrangido passamos a uma menor perfeição, temos assim a tristeza, esta é contrária a nossa natureza, visto que não nos esforçamos para nos limitar e sim para nos expandir, ou seja, nos esforçamos por aquilo que nos alegra, que nos traz um ganho de potência e não por aquilo que nos entristece, que nos traz uma perda de potência, sendo assim, a tristeza, e todos os afetos que derivam deste, contrários a nossa natureza. Portanto existem três afetos primitivos, o desejo que é nossa própria essência, a alegria, que é o favorecimento da nossa essência e a tristeza que é o enfraquecimento dela.

Portanto, no âmbito das paixões, ou seja, daquele afeto do qual eu não sou causa, estamos sujeitos ao acaso dos encontros e podemos experimentar paixões tristes, mas também paixões alegres. A alegria e todos os afetos que derivam deste, vão de encontro com o nosso esforço em perseverar, fortalecem nossa potência de agir e existir, isto significa que mesmo uma paixão, há oportunidades de nos tornar ativos. Entretanto, as paixões consistem sempre na passividade do corpo tomado por forças externas a ele, trata-se de um corpo que está afastado da sua própria potência de agir. As paixões decorrem exclusivamente de ideias confusas, nas quais o corpo é constantemente afetado por causas externas, tal condição torna o indivíduo sujeito à contingência, uma vez que sua potência de agir pode ser ampliada gerando alegria, ou reduzida resultando em tristeza.

### 3 PRESSUPOSTOS GNOSIOLÓGICOS

Para Espinosa, não há oposição entre mente e corpo, tampouco uma hierarquia entre razão e afeto. A potência da mente é diretamente

proporcional à potência do corpo, de modo que o aperfeiçoamento das relações afetivas implica, necessariamente, em um refinamento da forma de pensar. A razão e os afetos não se opõem, pois a ação, no âmbito afetivo, está intrinsecamente vinculada à atividade racional. Portanto, o próprio conhecimento resulta da elaboração de noções afetivas derivadas das interações físicas entre os corpos.

Nessa perspectiva, se existem afetos que mesmo sendo passivos, podem nos encaminhar à atividade, é porque para Espinosa, não há cisão entre razão e afetividade, tal como observa Gleizer: “se o conhecimento intelectual pode interagir com as paixões, moderando-as e transformando nossa vida afetiva é exatamente porque ele tem a mesma raiz que as paixões, a saber, o desejo” (Gleizer, 2005, p. 51). Desse modo, o desejo que impulsiona as coisas singulares a realizarem encontros que lhes favoreçam, é o mesmo desejo pelo qual a mente busca conhecer através de ideias adequadas.

As ideias adequadas<sup>3</sup> são a expressão da nossa potência de pensar, na medida em que nos tornam causa adequada de nossos próprios efeitos, uma vez que emerge exclusivamente da nossa potência. Por conseguinte, os afetos correspondentes a essas ideias não se opõem com a essência do indivíduo. Em contraposição, as paixões originam-se unicamente das ideias inadequadas, ou seja, da passividade frente às afecções externas. Assim, a redução das paixões exige, necessariamente, a superação dessas ideias inadequadas que lhes dão origem.

A passagem às ideias adequadas é um problema central tendo em vista nossa condição enquanto modos finitos pois somos constantemente marcados pela força das paixões, logo, questionamos: como chegamos a formar ideias adequadas, nós que parecemos condenados às ideias inadequadas? O problema das alegrias passivas está intimamente ligado a essa questão, pois embora resultem da passividade diante das afecções externas, elas representam o primeiro esforço ético e racional para nos aproximar daquilo que podemos, segundo nossa própria potência.

3 “Por ideia adequada compreendo uma ideia de que, enquanto considerada em si mesma, sem relação com o objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas de uma ideia verdadeira” (E2D4).

Dentre os três gêneros de conhecimento<sup>4</sup>, apenas o primeiro nos fornece ideais inadequadas. As ideias que surgem do segundo e terceiro tipo de conhecimento, são ideias adequadas. O conhecimento de primeiro gênero é a única causa de falsidade, enquanto o conhecimento de segundo gênero e o de terceiro são necessariamente verdadeiros (E2P41). Nessa perspectiva, a mente tem ideias inadequadas à medida que o corpo é determinado pelo acaso dos encontros tal como esclarece Espinosa:

[...] a mente não tem, de si própria, nem de seu corpo, nem dos corpos exteriores, um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso, sempre que percebe as coisas segundo a ordem comum da natureza, isto é, sempre que está exteriormente determinada, pelo encontro fortuito com as coisas, a considerar isto ou aquilo. E não quando está interiormente determinada, por considerar muitas coisas ao mesmo tempo, a compreender suas concordâncias, diferenças e oposições. Sempre, com efeito, que está, de uma maneira ou outra, interiormente arranjada, a mente considera as coisas clara e distintamente (Spinoza, 2013, p 123).

Sendo assim, para não estarmos sujeitos ao acaso dos encontros, é necessário termos ideias adequadas que nos habilite a agenciar nossos encontros de forma ativa. Nessa perspectiva, trataremos aqui da relevância das ideias adequadas para alcançar afecções ativas, logo apresentaremos como as ideias

4 O primeiro gênero de conhecimento é a opinião ou imaginação, esta deriva das coisas singulares que percebemos de forma confusa e parcial. Neste gênero de conhecimento só somos capazes de perceber os efeitos, por isso nos leva a ilusão acerca do mundo. O nosso corpo é modificado por outro, sem sermos capazes de ter um conhecimento adequado dos corpos envolvidos nesse encontro, dado que só é considerado os efeitos da confusa relação entre esses corpos. O segundo gênero de conhecimento chamado de razão, é construído por noções comuns, que são o fundamento da nossa capacidade de raciocínio, no qual temos ideias adequadas da propriedade das coisas comuns na parte e no todo, ou seja, ainda não se trata de conhecer os objetos em sua singularidade, mas de compreendê-lo como uma instância particular de uma lei geral da natureza. Neste segundo gênero de conhecimento podemos não só conhecer pelas causas, mas também visualizar o nexos necessário que há entre as ideias. O terceiro gênero de conhecimento ou ciência intuitiva é um conhecimento direto que parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento da essência das coisas singulares. O conhecimento do segundo e terceiro gênero só envolvem ideias adequadas, e são necessariamente verdadeiros.



inadequadas passam às ideias adequadas, consequentemente dando lugar a afetos ativos. Contudo, enfatizaremos o segundo gênero de conhecimento, que consiste na razão ou noções comuns, sobretudo para identificar a passagem de ideias inadequadas às ideias adequadas. Dito isto, apresentaremos esse percurso das ideias adequadas e sua relevância do ponto de vista afetivo para experimentarmos afecções ativas.

O salto para ideias adequadas depende de condições externas que sejam favoráveis ao exercício da nossa potência de agir. Tal transição exige que o indivíduo não esteja afetivamente enfraquecido, pois os afetos tristes implicam uma diminuição de potência de existir e, por conseguinte, da capacidade de pensar com clareza. Nesse contexto, as noções comuns constituem as primeiras ideias adequadas das quais a mente é capaz, e representam o aspecto prático da ética espinosana, uma vez que pressupõem a experiência de encontros que fortalecem a potência do corpo e da mente. Por meio dessas noções, torna-se possível apreender o que é comum entre os corpos, estabelecendo relações que nos conduzem à atividade.

Nesse sentido, podemos observar que a razão não é instantânea, seu primeiro esforço consiste em experimentar o máximo de alegrias com o intuito de fortalecer a potência da mente, para que o indivíduo tenha conhecimento adequado acerca das relações físicas entre os corpos, isto o torna apto a organizar seus encontros de forma ativa. Portanto, o estudo físico é central para começarmos a ter ideias adequadas através das noções comuns, pois esses elementos que são comuns a todas as coisas, e que existem igualmente na parte e no todo, não podem ser concebidos senão adequadamente (E2P38). Existem certas ideias ou noções comuns a todos os homens, todos os corpos estão em concordância quanto a certos elementos, os quais devem ser percebidos todos adequadamente, ou seja, clara e distintamente (E2P38c). Nesse sentido:

Será adequada na mente, além disso, a ideia daquilo que o corpo humano e certos corpos exteriores pelos quais o corpo humano costuma ser afetado têm de comum e próprio, e que existe em cada parte assim como no todo de cada um desses corpos exteriores. Corolário. Segue-se disso que a mente é tanto mais capaz de perceber mais coisas adequadamente quanto

mais propriedades em comum com outros corpos tem o seu corpo (Spinoza, 2013, p. 129).

Desse modo, o segundo gênero de conhecimento corresponde à apreensão das relações pelas quais os corpos se compõem entre si, já não se trata mais da parcialidade das afecções de um corpo, como ocorre nas ideias inadequadas, mas na forma como as relações características de um corpo se compõem ou se decompõem com outro. Quanto maior for a correspondência entre as propriedades dos corpos em interação, maior será a capacidade da mente de formar ideias adequadas acerca desses corpos.

Portanto, através do conhecimento dos corpos, das relações corporais, saímos das ideias inadequadas para o segundo tipo de conhecimento do qual derivam ideias adequadas. Contudo, as noções comuns em Espinosa consistem em identificar a relação entre os corpos e a forma pela qual participamos da ontologia total.<sup>5</sup> As ideias adequadas advindas das noções comuns levam o indivíduo a reconhecer que cada singularidade está integrada a natureza inteira, esta composição entre os corpos realiza o objetivo inicial da filosofia de Espinosa.<sup>6</sup>

Além disso, reconhecer a realidade de forma necessária consiste em uma ideia adequada que expande a potência de agir

5 É importante ressaltar que, as noções comuns não são abstratas. Na verdade, compreender a partir de ideias abstratas é próprio das ideias inadequadas, que recolhe apenas efeitos e julga que a toda realidade funciona com base em uma perspectiva parcial. Espinosa critica as ideias universais, pois elas desconsideram as coisas singulares, a ideia universal de homem, por exemplo, não explica os corpos singulares. Além disso, Espinosa não diferencia os seres por gênero ou espécie mas pela sua potência, assim, a razão ou as noções comuns são aqueles elementos que são comuns a todas as coisas, e que existem igualmente na parte e no todo, não podem ser concebidos senão adequadamente (E2P38), não são ideias parciais que generalizam um efeitos, mas são ideias que através de um exercício afetivos buscam o que há de comuns entre os corpos, e a partir daí reconhecem a perfeição que há no conhecimento da união com a natureza inteira. As ideias universais são a generalização de um ponto de vista particular, portanto são inadequadas.

6 O fortalecimento da potência humana se dá através da união da mente com toda a natureza, tal como Espinosa afirma no *Tratado da Emenda do Intelecto*: “o conhecimento da união da mente com a natureza inteira” (TdIE [13]). Neste trecho, Spinoza destaca que a busca pelo bem consiste em alcançar, junto com outros, o conhecimento dessa unidade essencial com o todo natural.

dos indivíduos pois reduz a possibilidade de sofrer paixões, estas estão atreladas ao que é contingente imparcial, nesse sentido afirma Espinosa:

Vemos, assim, que as paixões só estão referidas à mente enquanto ela tem algo que envolve uma negação, ou seja, enquanto ela é considerada como uma parte da natureza, a qual, por si só, sem as outras partes, não pode ser percebida clara e distintamente. Pelo mesmo raciocínio, poderia demonstrar que as paixões estão referidas às coisas singulares da mesma maneira que estão referidas à mente, e que não podem ser percebidas de outro modo (Spinoza, 2013, p. 173).

Por outro lado, quanto mais ideias adequadas, mas compreendemos de forma necessária as noções comuns que regem os corpos, nos percebendo como parte da ontologia total pois é da natureza da razão considerar as coisas não como contingentes, mas como necessárias (E2P44). Através da razão a natureza é compreendida de forma necessária, e os afetos não flutuam<sup>7</sup> com a incerteza da contingência. Portanto, à medida que a mente compreende as coisas como necessárias, ela tem um maior poder sobre os seus afetos, ou seja, deles padece menos (E5P6). Para esclarecer esta proposição, Espinosa apresenta o seguinte exemplo prático:

Com efeito, vemos que a tristeza advinda da perda de um bem diminui assim que o homem que o perdeu dá-se conta de que não havia nenhum meio de poder conservá-lo. Vemos, igualmente, que ninguém sente pena de uma criança por ela não saber falar, andar, raciocinar e, por viver, enfim, tantos anos como que inconsciente de si mesma. Se, por outro

lado, os homens, em sua maioria, nascessem já adultos e apenas alguns nascessem crianças, então todos sentiriam pena das crianças, pois, nesse caso, a infância seria considerada não como algo natural e necessário, mas como um defeito ou uma falta da natureza. Poderíamos, ainda, fazer muitas outras observações desse tipo (Spinoza, 2013, p. 375).

Portanto, muitos afetos tristes decorrem da forma contingente de perceber a realidade, quando consideramos as coisas como contingentes julgamos que elas poderiam ser diferentes do que é, em última instância, esta é a causa de entristecimentos como: falta, culpa, ansiedade, arrependimento, entre outros.

Doravante, o cerne da *Ética* consiste na relação entre razão e alegria ativa. A razão é a via pela qual podemos ter alegrias ativas, entretanto, são as paixões alegres que possibilitam a razão. Através da razão, toda alegria passiva pode se tornar uma alegria ativa, tendo em vista a mudança de causas. A todas as ações às quais somos determinados, em virtude de um afeto que é uma paixão, podemos ser determinados, sem esse afeto, pela razão (E4P59). Assim, ser ativo é operar segundo nossa própria natureza, tendo ideias adequadas acerca das coisas e sendo causa adequada dos nossos afetos. Nessa perspectiva, Espinosa afirma:

Por isso, se um homem afetado de alegria fosse levado a uma perfeição tamanha que concebesse adequadamente a si próprio e as suas ações, ele seria capaz, e até mesmo mais capaz, dessas mesmas ações às quais é, agora, determinado por afetos que são paixões. Ora, todos os afetos estão relacionados à alegria, à tristeza ou ao desejo (veja-se a explicação da def. 4 dos afetos), e o desejo (pela def. 1 dos afetos) não é senão o próprio esforço por agir. Logo, a todas as ações às quais somos determinados, em função de um afeto que é uma paixão, podemos ser conduzidos, sem esse afeto, exclusivamente pela razão (Spinoza, 2013, p. 333-334).

Sendo que as paixões têm raiz no conhecimento inadequado, quando passamos a ter ideias adequadas suprime-se também as paixões, nessa perspectiva afirma Espinosa:

Todos os apetites ou desejos são paixões apenas à medida que provêm de ideias inadequadas, enquanto os mesmos desejos são considerados virtudes quando são suscitados ou gerados por ideias adequadas. Com efeito, todos os desejos que nos determinam a fazer algo podem provir

7 Estamos nos referindo ao termo latino *anima fluctuans*, *Anima*: alma, mente, espírito. *Fluctuans*: participação presente de *fluctuare*, que significa *flutuar, vacilar, oscilar, estar em agitação* se remete a algo instável, em movimento incerto. Seu sentido filosófico é mais específico pois refere-se a um estado de instabilidade afetiva, onde a mente oscila entre diferentes afetos, movida por forças contraditórias. Esta expressão aparece explicitamente na *Ética*, na proposição 17, Escólio (E3P17s) onde Espinosa está tratando das situações em que a mente (*mens*) é afetada por impulsos opostos (ex: amor e ódio por um mesmo objeto), produzindo um estado de *vacilação afetiva*, um conflito interno que impede a mente de se afirmar com clareza, pois a potência de agir é enfraquecida pela indecisão e confusão. Portanto, trata-se de um momento de paixão intensa em que a mente não é causa adequada de seus afetos e está à mercê da contingência de forças externas.

tanto de ideias adequadas quanto de ideias inadequadas (veja-se a prop. 59 da P. 4). E, por isso (voltando ao ponto em que estávamos antes dessa digressão), não se pode imaginar nenhum outro remédio que dependa de nosso poder que seja melhor para os afetos do que aquele que consiste no verdadeiro conhecimento deles, pois não existe nenhuma outra potência da mente que não seja a de pensar e de formar ideias adequadas, tal como, anteriormente (pela prop. 3 da P. 3), demonstramos (Spinoza, 2013, p. 373).

Doravante, para Espinosa, não há cisão entre sua teoria do conhecimento e teoria da afetividade para uma vivência ativa. O itinerário ético tem início nas paixões, uma vez que o indivíduo amplia sua potência de agir à medida que aumenta suas alegrias passivas. A composição com outros corpos contribui para esse fortalecimento, pois estes encontros envolvem sempre um ganho de alegria. Em contrapartida, a tristeza emerge quando há decomposição parcial do indivíduo, resultante de um encontro que desfaz ou enfraquece sua constituição.

Nessa perspectiva, o pensamento se desenvolve de forma mais eficaz quando a potência de agir do indivíduo está favorecida. A alegria, neste contexto, não apenas intensifica a capacidade de compreender, mas consiste também no afeto que impulsiona o exercício da razão e direciona para a afetividade ativa. Deleuze destaca a forma radical com que Espinosa denuncia as paixões tristes: “Espinosa não é daqueles que pensam que as paixões tristes têm algo de bom” (Deleuze, 2002, p. 32), portanto, Deleuze juntamente com Espinosa denunciam as paixões tristes e indicam a alegrias ativas como caminho ético e político.

O fortalecimento proporcionado pelas paixões alegres é o que nos capacita a, simultaneamente, fortalecer nossa mente para que tenha ideias adequadas e produzir alegrias ativas, tornando-nos causa adequada dos nossos próprios afetos. No entanto, o problema das paixões alegres está intimamente vinculado ao esforço ético e racional em regular as paixões, pois mesmo as alegrias passivas contribuem para o aumento da potência de agir e abrem caminho para a transição rumo a uma afetividade ativa.

Portanto, esta passagem pressupõe a busca pelo máximo de paixões alegres pois é na alegria que conseguimos reconhecer a realidade, isto é, a perfeição que existe em todas as coisas (E2D6). A possibilidade do conhecimento, em Espinosa, está diretamente enraizada na condição humana enquanto seres de afetos, a mente só pode formar ideias porque o corpo é continuamente afetado. Assim, é pela alegria, enquanto afeto que expressa um aumento de potência, que o indivíduo realiza composições que favorecem o pensamento, revelando o aspecto afetivo inerente a toda ideia. Contudo, sem a alegria, não há verdadeira compreensão, pois, compreender exige a capacidade de se compor com aquilo que nos afeta de modo positivo, ou seja, que aumenta nossa potência de agir e nos permite formar ideias adequadas sobre os objetos.

Entre todos os afetos que estão relacionados à mente à medida que ela age não há nenhum que não esteja relacionado à alegria ou ao desejo (E3P59), os afetos ativos são sempre alegres, só a alegria nos encaminha às ideias adequadas, logo, sempre que temos ideias adequadas, somos ativos, não experimentamos nenhum afeto triste. Desse modo, para todos os afetos de alegria e desejo que experimentávamos enquanto paixão, há outro afeto de alegria e desejo que estão relacionados a nós à medida que agimos (E3P58). Portanto, a alegria ativa é de outra espécie, diferente da alegria passiva, o que as diferencia o sentimento ativo do passivo são as qualidades das nossas ideias, um afeto que é uma paixão pode ser uma ação assim que formamos uma ideia clara e distinta (E5P3). Portanto, tomamos posse dos nossos afetos quando melhor o conhecemos. Trata-se também da mudança da causa dos afetos:

Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. 2. Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é (pela def. prec.), quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (Spinoza, 2013, p. 163).

Assim, as afecções ativas e passivas se distinguem pela sua causa. As paixões alegres decorrem da composição com um objeto que convém com o nosso corpo, aumentando nossa potência de agir, porém é um afeto do qual ainda não temos uma ideia adequada, não sendo causa adequada desses afetos. Já as alegrias ativas, se seguem de ideias adequadas, elas decorrem da nossa própria potência de agir. Assim, a mente à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece. Desse modo, quanto mais temos ideias adequadas, tanto mais agimos e somos causa adequada dos nossos afetos.

Contudo, sempre que um indivíduo é atravessado por afetos tristes como o ódio, a inveja ou a mágoa, encontra-se sob o domínio das paixões pois não é o caso que alguém possa sentir tristeza sendo causa adequada de seus afetos. Portanto, os afetos ações são necessariamente positivos, afirmativos, alegres e necessários, isto porque é impossível que uma coisa seja causa de algo que lhe enfraqueça ou destrua a si mesmo, nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa exterior (E3P4). Desse modo, à medida que um indivíduo é causa adequada de seus afetos, possui apenas afetos positivos, que afirmam sua existência e ampliam a sua capacidade de agir e compreender.

#### 4 O PROBLEMA DAS PAIXÕES ALEGRES

Do ponto de vista afetivo, a capacidade de reconhecer as noções comuns entre os corpos depende de um indivíduo nutrido de alegria, pois a alegria, enquanto afeto que expressa o aumento da potência de agir do indivíduo, está associada à composição entre os corpos<sup>8</sup>. Em contrapartida, a tristeza resulta da decomposição ou desarmonia entre os corpos, o que acarreta um afastamento do conhecimento adequado do corpo que produziu o afeto. Assim, a constituição do conhecimento parte de uma dinâmica afetiva em que a alegria funciona como condição propícia para a formação de ideias adequadas, especialmente no que diz

<sup>8</sup> A composição é sempre alegre pois ela surge da conveniência entre os corpos, quanto mais alegria, mais potência temos pois mais integrados, estamos com a natureza inteira. A alegria nos torna capazes de reconhecer o que há de comum entre os corpos, sendo assim, ela realiza a meta do *conatus* pois a potência é expandida através das composições.

respeito às noções comuns. Nessa perspectiva, afirma Deleuze:

Quando encontramos um corpo que convém à nossa natureza e cuja relação se compõe com a nossa, diríamos que sua potência se adiciona a nossa: as paixões que nos afetam são de alegria, nossa potência de agir é ampliada ou favorecida. Essa alegria é ainda uma paixão visto que tem uma causa exterior; permanecemos ainda separados de nossa potência de agir, não a possuímos formalmente. Essa potência de agir não deixa de aumentar de modo proporcional, “aproximamo-nos” do ponto de conversão, do ponto de transmutação que nos tornará senhores dela, e por isso dignos de ação, de alegrias ativas (Deleuze, 2002, p. 33-34).

Nesse sentido, um encontro alegrador ocorre quando há a conveniência entre dois corpos, sempre que se experimenta alegria, mesmo que passiva, é favorecida a formação da ideia adequada daquilo que é comum entre o corpo afetado e o corpo que afeta. Isso explica porque, no livro V da *Ética*, Espinosa é levado a reconhecer o privilégio das paixões alegres na formação das noções comuns, no segundo gênero de conhecimento, a razão:

Enquanto não estamos atormentados por sentimentos contrários à nossa natureza, sentimentos de tristeza provocados por objetos contrários que não nos convêm, durante esse tempo a potência do espírito, pela qual ele se esforça para compreender as coisas, não é impedida, e, por conseguinte ele tem, durante esse tempo, o poder de formar ideias claras e distintas (Spinoza, 2013, p. 379).

Portanto, as paixões alegres caracterizam-se pelas diferentes maneiras pelas quais são experimentadas, seja no modo como afetam com tristeza, ou com alegria. Nos afetos passivos, ainda que haja variação na potência de agir – por aumento (alegria) ou diminuição (tristeza) –, permanece-se no âmbito da paixão, uma vez que o indivíduo não é a causa adequada do afeto experimentado, mas padece a ação de outro corpo. No entanto, quando há um aumento da potência de agir, ainda que passivamente, isso indica um menor distanciamento da própria essência, na medida em que a alegria está em conformidade com o *conatus*, isto é, com o esforço de perseverar no ser.

Contudo, as alegrias passivas nos servem como um trampolim para termos ideias menos parciais, e assim sermos causa adequada dos



nossos afetos. Sobre como as alegrias passivas podem se converter em alegrias ativas, afirma Deleuze:

Na medida em que as alegrias passivas aumentam nossa potência de agir, elas convêm com a razão. Mas, sendo a razão a potência de agir da alma, as alegrias supostamente ativas nascem da razão. Quando Espinosa sugere que aquilo que convêm com a razão também pode nascer dela, ele quer [254] dizer que toda alegria passiva pode dar lugar a uma alegria ativa que só se distingue dela pela causa (Deleuze, 2017, p. 307).

Portanto, o que determina se uma alegria é ativa ou passiva, é a sua causa. No caso das alegrias passivas, elas derivam unicamente do gênero imaginativo, elas pressupõem um padecimento, portanto, a alegria passiva ocorre quando somos causa parcial dos nossos efeitos. Para sermos preenchidos por alegrias ativas, é necessário ser causa adequada dos nossos afetos, fazendo uso da razão para alcançar um conhecimento adequado acerca dos seus afetos.

As paixões alegres possuem a capacidade de aumentar a potência de agir do indivíduo, ao mesmo tempo em que favorecem o exercício da potência de compreender. Nesse sentido, as paixões alegres mostram-se compatíveis com a razão, uma vez que conduzem o indivíduo a uma melhor compreensão da realidade. Em termos práticos, observa-se que, quando dominados por afetos tristes, nossa capacidade de compreender e de reconhecer a ordem e a necessidade imanentes à realidade se encontra significativamente reduzida. No escólio da proposição 10 da parte V da *Ética*, Espinosa apresenta o seguinte exemplo: “Da mesma maneira, também os que foram mal acolhidos pelas suas amantes não pensam senão na inconstância, na perfídia e nos outros proclamações defeitos das mulheres, todos os quais são imediatamente esquecidos tão logo são de novo acolhidos pela amante” (Spinoza, 2013, p. 381).

Portanto, o pensamento se exercita de modo mais eficaz quando a potência de agir encontra-se favorecida, isto é, sob o domínio dos afetos alegres. A alegria, enquanto afeto que aumenta a potência do corpo e da mente, torna o indivíduo mais apto à compreensão, revelando-se como o caminho privilegiado tanto da razão quanto da ética. Espinosa é radical em

sua denúncia das paixões tristes “Espinosa não é daqueles que pensam que as paixões tristes têm algo de bom” (Deleuze, 2002, p. 32). Dessa forma, é por meio do fortalecimento proporcionado pelas paixões alegres que o indivíduo se torna capaz de, simultaneamente, consolidar a razão e transitar para alegrias ativas, tornando-se causa adequada dos afetos que o constituem.

Contudo, as paixões decorrem exclusivamente das ideias inadequadas; por isso, sua redução exige a supressão ou reconfiguração dessas ideias, que lhes são causa. À medida que diminuimos o domínio das ideias inadequadas, tornamo-nos mais capazes de compreender os afetos que nos atravessam. No entanto, a passagem às ideias adequadas constitui um problema central na filosofia de Espinosa, dada a nossa condição de modos finitos, sempre expostos à ação de causas externas. Assim, somos incessantemente afetados pelas paixões, o que nos leva a questionar: como chegamos a formar ideias adequadas, nós que parecemos condenados às ideias inadequadas? É nesse ponto que as alegrias passivas ganham importância, pois, embora ainda sejam paixões, representam o primeiro esforço ético e racional de aproximação daquilo que efetivamente podemos. Elas tornam-se, portanto, um ponto de partida possível para a transição à atividade e para a constituição de uma causalidade adequada em relação aos nossos próprios afetos.

Por fim, podemos caracterizar as paixões alegres a partir das diferentes formas de experimentar os afetos, isto é, segundo aquilo que nos entristece ou nos alegra. Ainda que a alegria, enquanto afeto passivo, represente um aumento de potência, ela permanece no domínio da paixão na medida em que decorre da ação de uma causa externa – o que implica que não somos a causa adequada desse afeto. Do mesmo modo, a tristeza, ao diminuir nossa potência, também evidencia essa condição de passividade. No entanto, quando somos afetados por uma alegria, mesmo que passiva, aproximamo-nos de nossa potência de agir, pois esse aumento de potência está em consonância com o *conatus*, o esforço em perseverar no ser. Nesse sentido, as alegrias passivas, servem como trampolim ético e cognitivo: são um primeiro passo em direção à formação de ideias menos

inadequadas e, portanto, à possibilidade de nos tornarmos causa adequada dos nossos próprios afetos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender que, as paixões alegres consistem no ganho de potência de agir, ainda que sob condição passiva. A partir da leitura de Deleuze, torna-se possível reposicionar essas paixões não como meros efeitos externos, mas como forças afirmativas fundamentais no processo de constituição de uma afetividade ativa. Portanto, demonstrou-se que a alegria, mesmo enquanto paixão, pode funcionar como um modo de passagem: um afeto que, ao elevar a potência do corpo e da mente, propicia o ambiente ideal para que o indivíduo alcance conhecimento adequado e atividade, do ponto de vista afetivo.

Nesse sentido, a transição do estado passivo ao ativo não se dá por uma negação das paixões, mas por sua transformação interna, orientada por uma racionalidade imanente à própria vida afetiva. Deleuze, ao destacar a potência das paixões alegres, oferece uma chave de leitura que valoriza não apenas a superação das paixões tristes, mas a afirmação de modos de existir mais potentes e criativos, nos quais o desejo não é reprimido, mas elaborado. Assim, as paixões alegres, longe de serem descartadas por sua passividade inicial, revelam-se como recurso para a produção de uma vida ética, fundada na expansão da capacidade de afetar e ser afetado de maneira ativa.

Conclui-se, portanto, que a alegria, mesmo quando passiva, carrega em si uma positividade que, sob determinadas condições, pode servir de alicerce para a formação de afetos ativos. Tal constatação nos convida a repensar as fronteiras entre passividade e atividade, entre paixão e ação, à luz de uma ética da potência, na qual a transformação dos afetos é inseparável do próprio exercício do pensamento.

As paixões, enquanto afetos passivos derivados de ideias inadequadas, não apenas exprimem o estado do corpo afetado, mas também limitam sua capacidade de agir. No entanto, a mesma estrutura que expõe o indivíduo à passividade contém os elementos para sua superação: a alegria, enquanto

aumento da potência, mesmo quando passiva, pode funcionar como vetor para a atividade.

Dessa forma, a proposta Espinosana não se limita a um diagnóstico da condição afetiva humana, mas aponta para um caminho ético. Através do conhecimento adequado, que rompe com o primeiro gênero de conhecimento, baseado na imaginação e na experiência confusa, o indivíduo pode tornar-se causa adequada de seus afetos, transformando-os em manifestações ativas da sua potência. Assim, ao analisarmos o problema das paixões alegres em Espinosa a partir da leitura Deleuziana, identificamos a proposta de uma concepção rigorosa e inovadora da afetividade, segundo a qual o ser humano não está encerrado à passividade das forças externas, mas pode, a partir da própria dinâmica afetiva, efetivar sua potência de agir de forma ativa uma vez que as alegrias passivas contribuem para o aumento da potência e, assim, favorecer a transição para uma vivência ativa dos afetos.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real: imanência**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa. Uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Ed. Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EDUECE, 2019.

FREITAS, Flávio Luiz de Castro. Pressupostos Espinosanos da crítica histórico-psicológica. **Revista Conatus**, vol. 7, n. 13, 2013, pp. 33 – 44.

FREITAS, Flávio Luiz de Castro. **Pressupostos filosóficos da crítica histórico-psicológica**. Orientador: José Fernando Manzke. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012. Disponível em: < <https://tedeabc.ufma.br/jspui/handle/tede/34>>. Acesso em 20 de dezembro de 2025.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GUINSBURG, J.; CUNHA, Newton; ROMANO, Roberto. Spinoza: **Obra Completa II Correspondência Completa e Vida**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NEGRI, Antônio. **Anomalia Selvagem**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

NEGRI, Antonio. **Espinosa subversivo e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomáz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SPINOZA, Baruch. **Tratado da Reforma do Entendimento**. São Paulo: Escuta, 2007.

